



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ARTHUR MANOEL ANDRADE BARBOSA

**UMA REGIÃO, VÁRIOS DISCURSOS: O RETIRANTE NORDESTINO ENTRE A
REALIDADE E A UTOPIA NA DÉCADE DE 1950**

**CAMPINA GRANDE
2016**

ARTHUR MANOEL ANDRADE BARBOSA

**UMA REGIÃO, VÁRIOS DISCURSOS: O RETIRANTE NORDESTINO ENTRE A
REALIDADE E A UTOPIA NA DÉCADE DE 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em História.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de
Albuquerque Gaudêncio.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B239u Barbosa, Arthur Manoel Andrade
Uma região, vários discursos [manuscrito] : o retirante nordestino entre a realidade e a utopia na década de 1950 / Arthur Manoel Andrade Barbosa. - 2016.
47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História".

1. Migração 2. Nordeste Brasileiro 3. Literatura 4. História
5. Utopia I. Título.

21. ed. CDD 304.8

ARTHUR MANOEL ANDRADE BARBOSA

**UMA REGIÃO, VÁRIOS DISCURSOS: O RETIRANTE NORDESTINO ENTRE
A REALIDADE E A UTOPIA NA DÉCADE DE 1950**

Monografia apresentada no
departamento de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em História.

Aprovada em: 24/05/16.

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Praxedes de Araújo
Prof. Me. Aline Praxedes de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Cipriano
Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a Deus pela sua maravilhosa maneira de transformar sonhos em realidade e fazer-se presente em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela sempiterna bondade demonstrada para comigo, mesmo quando a ansiedade e o desânimo me fazem vacilar.

Ao professor Bruno Gaudêncio que mesmo antes de desempenhar a função de orientador já me ajudava em meio as tantas dúvidas surgidas nas brilhantes aulas de História da Paraíba e História da América, além da admiração dedicada a ele enquanto leitor de duas de suas obras: *Cântico voraz do precipício* (2011) e *Acaso caos* (2013).

Aos meus pais José Barbosa, Antônio Ferreira e Maria de Fátima, as minhas avós Ivonete e Margarida, e irmãos/as pela compreensão e auxílio.

A minha mãe Maria de Lourdes Andrade Barbosa (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de História da UEPB, em especial, Josemir Camilo de Melo, Matusalém, Wellington, Socorro Cipriano, Rodrigo, Adhoniran, Giselda, Livânia, Babi, Roze, Gilbergues, Aline, que muito me ajudaram a crescer academicamente, contribuindo ao longo de quatro anos para minha formação.

As professoras Auricélia Lopes e Paula Castro pelos trabalhos desenvolvidos (Pibid/Pibic), pesquisas feitas, leituras produtivas e o grande aprendizado construído dentro dos projetos.

A Andreza pela companhia e auxílio pontuais, além dos inúmeros livros dados, inclusive um dos que mais tarde seria objeto de estudo desta monografia.

Aos colegas de classe que me ajudaram ao longo do curso através dos momentos de estudos extras, seminários, além das conversas e brincadeiras.

Por último, agradeço à Banca Examinadora formada pelo meu orientador Bruno Gaudêncio e as professoras Socorro Cipriano e Aline Praxedes que sempre demonstraram-se prontos a ajudar e a incentivar as minhas ideias e futuros projetos.

“E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida;
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há de pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.”

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1956, p. 60).

RESUMO

O cenário que compõe as imagens acerca do Nordeste da década de 1950 traz em suas perspectivas as construções feitas a partir das narrativas literárias, artísticas ou políticas que fomentaram discursos que perpetraram o imaginário social com relação a essa região do país. O processo de migração dos nordestinos que fugiam da seca e da miséria dos sertões também foi retratado nas produções literárias que descreviam as andanças daqueles que buscavam em outros lugares a superação das necessidades econômicas e sociais. A década de 1950 é palco de uma efervescente disseminação de ideais políticos que alimentavam a esperança por dias melhores da população onde os projetos de uma nação desenvolvida eram almejados pelas demais camadas da sociedade. Nesse sentido, encontramos na Literatura uma forma de perceber alguns dos problemas, anseios e vontades de uma parcela do povo nordestino. Destacando a obra *Morte e vida Severina* (1956) de João Cabral de Melo Neto, encontramos a linha de análise desse autor, que aborda a “realidade” econômica e geográfica nordestina, descrevendo a partida e as angústias de um retirante. No final da década anterior surge outra abordagem, agora num âmbito utópico, o cordel *Viagem a São Saruê* (1947) do poeta popular Manoel Camilo dos Santos, que visualiza um lugar de benesses e maravilhas, ao contrário das mortes e das vidas secas do outro autor. O objetivo é perceber como foi possível a idealização desse país utópico, feita por um autor, e a descrição realística da vivência no Nordeste, elaborada por outro literato, em meio a uma grande produção literária, inclusive na Literatura de Cordel, de narrativas que tentavam reproduzir um discurso mais próximo da “verdade” social da região, além de discutir quais as ideologias que podem ter exercido influência sobre a construção desse lugar de fuga. Analisar as representações, práticas e apropriações (CHARTIER, 1990) existentes nas construções a respeito do Nordeste “real” de meados do século XX e do imaginário ficcional do país utópico possibilitam o diálogo entre a História e a Literatura, que aliadas proporcionam nuances para entender o contexto político, social e cultural que envolveu a década de 1950 e o processo migratório.

Palavras-Chave: História; Literatura; Nordeste; Migração; Utopia

RÉSUMÉ

Scénario ce qui rend les images sur le nord-est de la décennie en 1950 apporte des perspectives dans leurs constructions que fabriqués à partir des discours littéraires, artistiques et politiques narratives que fomentés que perpétré la relation sociale imaginaire avec la région de ce pays. Le processus de migration de retour du nord que fuyant la sécheresse et la misère de retour hinterlands également foi dépeint dans les productions littéraires Que décrivaient les wanderings que ceux qui ont cherché ailleurs surmonter les besoins économiques et sociaux. La décennie 1950 est une diffusion de la scène effervescente des idéaux politiques que alimenté l'espoir pour la population de meilleurs jours d'onde hat project un pays développé ont été ciblés par d'autres couches de la société. En ce sens, nous trouvons la littérature d'une manière de réaliser des problèmes de dos, les désirs et les volontés d'une partie de la population du nord-est. Soulignant le travail *Morte e Vida Severina* (1956) Cabral de Melo João Neto, nous trouvons la ligne d'analyse auteur de déesse, quelle a atterri la «réalité» du Nord-économique et géographique, la description et le départ que angustias un migrant. Dans un autre début de finale vient approche décennie, maintenant un champ utopique, la ligne *Voyage à Saint-Sarue* (1947) du poète populaire Manoel dos Santos Camilo que visualisé un lieu de bénédictions et des prodiges, à la différence des morts et sécher les autres auteurs vie . L'objectif est de réaliser venez possible utopique foi idéalisation de pays déesse, faite par un auteur et une description réaliste de l'expérience pas à l'est, préparé par un autre literato en grande une moitié de la production littéraire y compris la littérature Cordel, de narratives que essayait de jouer un discours mais l'influence près de la «vraie» sociale de la région, et d'examiner les quais idéologies que peuvent avoir exercé a une construction sobre de ce lieu d'évasion. Analyser les représentations, les pratiques et les crédits (Chartier, 1990) existent dans construções sur le nord-est "vrai" milieu du XXe siècle fait imaginarium fictive du pays utopique permettent à l'Entre histoire de dialogue autres littérature, quelles nuances alliées fournissent de comprendre le contexte politique , culturel, social et impliqué quelle décennie en 1950, et le processus migratoire.

Mots- clés: Histoire, Littérature, Nord-est, Migration, Utopia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I – HISTÓRIA E LITERATURA: CAMINHOS HISTORIOGRÁFICOS	12
3	CAPÍTULO II – REGIONALISMO: AS IMAGENS DO NORDESTE	21
4	CAPÍTULO III – REALIDADE E UTOPIA: A ANGÚSTIA DO DEVIR	30
4.1	João Cabral de Melo Neto e “Morte e vida Severina”	31
4.2	Manoel Camilo dos Santos e “Viagem ao país de São Saruê”	34
4.3	Projeto de país e migração	38
5	CONCLUSÃO	41
6	REFERÊNCIAS	43
7	FONTES	46

1- INTRODUÇÃO

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.

(MANOEL CAMILO DOS SANTOS, 1956)

São Saruê e Cocanha tem em comum uma coisa: são lugares utópicos. Essa denominação que remete à imaginação, invenção ou construção imagético-discursiva surge dentro das sociedades oriundas principalmente das expressões populares como uma maneira de fugir das conflituosas exibições da realidade. A literatura, detentora de enorme sensibilidade dos anseios sociais, expressa as mais variadas sensações, angústias e aspirações de um povo ou uma região. “(...) que relações existem entre os países imaginários saídos da imaginação de contistas e de escritores e as sociedades reais que se pode chamar de históricas?” (LE GOFF, 1998 apud FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 7).

Em consonância com as expressões utópicas coadunam-se as exibições da realidade, da “verdade” dos fatos, da maneira mais aproximada de se ver o cenário social sem retoques ou ajustes. A realidade transposta, dada aos que precisam enxergá-la, denunciada como forma de súplica encontra na literatura grande aliada, formaliza o discurso através de palavras e adquire formas que constroem imagens e as reafirmam constantemente.

Nesse trabalho é analisada a onda migratória que assolou os sertanejos nordestinos na década de 1950 e como foi descrito pela literatura realista este momento, além de tornar perceptível a difusão de um pensamento utópico em torno de um lugar imaginado. Dentro do cenário realista de percepção destacou-se a obra *Morte e vida Severina* do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que relata as agruras de um retirante sertanejo que rumava para o litoral em busca de melhores condições de vida. Por outro lado, no campo utópico, *Viagem a São Saruê*¹, do poeta paraibano Manoel Camilo dos Santos compõe o cenário do imaginado, do não-possível, das idealizações.

Dentre o surgimento das obras destacadas, discute-se no Brasil alguns projetos políticos para o crescimento da nação, para o desenvolvimento industrial e consequentemente

¹ O cordel “Viagem a São Saruê” foi inicialmente escrito em 1947, porém somente na década de 1950 terá maior propagação, muito em decorrência da instalação da tipografia do poeta Manoel Camilo dos Santos na cidade de Campina Grande. Por esse motivo discutiremos os efeitos dessa narrativa dentro do contexto social e político da década de 1950. (PERES NUNES, 2014, p. 161).

social. Os anos da democratização vêm acompanhados de discursos voltados para o trabalhador e para ações político-econômicas que privilegiem essa classe.

Analisar os discursos de “verdade” ou das “verdades” construídas institucionalizou-se fortemente através da Nova História Cultural, tendência historiográfica que mais influencia este trabalho, ao ser posto em análise dois discursos literários diferentes realizados num mesmo período, evidenciando as representações contidas em tais discursos.

Os capítulos são distribuídos de forma a analisar o papel da literatura no auxílio à historiografia, intercalando-se através dos capítulos as narrativas literárias de João Cabral de Melo Neto e Manoel Camilo dos Santos, destacando-se a construção da região Nordeste, além da migração ocorrida na década de 1950 e os projetos de “brasis” oriundos do período.

No primeiro capítulo, *História e literatura: caminhos historiográficos* discutimos a emergência da literatura no campo da história, a importância do século XX para o alargamento das abordagens através da Escola dos Annales e o processo de inserção da literatura como fonte histórica principalmente no campo da História Cultural. Embasado principalmente pelo conceito de representação (CHARTIER, 1990, p. 17, 18) a literatura assume a função de portadora de verdades, reconstituindo suas versões acerca do passado, percebendo signos, anúncios deixados pelas ações culturais de determinado espaço e tempo.

No segundo capítulo, *Regionalismo: as imagens do Nordeste*, a discussão percorre a construção da região Nordeste frente às outras regiões do país e até perante seu próprio povo. Analisadas as ações políticas desde o século XIX e o maior enfoque exercido a partir do início do século XX na região, destaca-se a profusão de imagens que caricaturaram o Nordeste, através de discursos políticos, literários ou artísticos. O verdadeiro Nordeste foi estigmatizado como a região mais carente de recursos, a mais vulnerável aos castigos climáticos, o lugar dos retirantes flagelados. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 216).

O terceiro capítulo, *Realidade e utopia: a angústia do devir* trata da contraposição da literatura realista dos que descreviam o Nordeste da seca e da fome à literatura utópica de *São Saruê*, além de situar a discussão com a temporalidade ideológico-política do país da década de 1950 com relação aos projetos políticos e ao processo migratório. Sensibilizar-se com a história de Severino, localizá-lo dentro de um contexto social que levou vários indivíduos, assim como ele, a partirem de suas terras rumo a outros lugares, enfrentando as ações do destino, esperando a confirmação da triste sina. Ao mesmo instante poder inspirar-se e idealizar outro destino, outras experiências, outra vida e encontrar um “não-lugar”.

2- CAPÍTULO I- HISTÓRIA E LITERATURA: CAMINHOS HISTORIOGRÁFICOS

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
É que a morte Severina
Ataca em qualquer idade,
E até gente não nascida).

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1956, p. 30)

Ler um romance, ler alguns poemas, ler uma ou outra crônica, eis um método que nos proporciona a oportunidade de adentrar nos detalhes de determinada época, entender o momento socioeconômico de uma região durante um dado período, ou mesmo perceber características que se tornaram marcas ou símbolos de um povo, fomentando inclusive o imaginário cultural a respeito desta gente.

A Literatura como ferramenta que dialoga junto com a História tornar-se-á importante dentro dos campos historiográficos a partir do século XX, mais precisamente com a expansão das fontes históricas, que a Escola dos Annales² desempenhou papel fundamental ao distanciar-se da historiografia dita positivista do século XIX, que dava à literatura uma função secundária e que tinha nos documentos oficiais do Estado e nas biografias de figuras ilustres sua linha de abordagem histórica mais próxima da “verdade”. (BARROS, 2013. p, 14)

Se por um lado Augusto Comte e o método positivista restringiam as abordagens possíveis no campo historiográfico, Lucien Febvre e Marc Bloch alargaram as possibilidades de se ver/fazer a história. O “estudo do homem no tempo” passa a perceber os acontecimentos históricos, os fatos, as mudanças ou as continuidades como algo a ser estudado, explorado, sentido. Dessa forma, a história-problema traz à tona enfoques antes deixados de lado pela escola positivista, e o homem comum passa a ser analisado enquanto figura pertencente a um contexto social, econômico e cultural, que provoca rupturas e que constantemente se adapta a outra realidade, que influencia e é influenciado por forças externas a ele. (BARROS, 2013. p, 84).

² *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, revista criada pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre no início do século XX, trazia em suas páginas discussões políticas, sociais e culturais.

A renovação do fazer historiográfico possibilita que os historiadores encontrem intenções de historicidade nos documentos literários, para que através de obras consagradas ou desconhecidas do grande público ele consiga enxergar nuances entre passado e presente, consiga perceber a origem de um discurso que desenvolveu raízes dentro de uma sociedade e que a partir desses discursos possibilitou a emergência de axiomas referenciais.

O alargamento das possibilidades de análises na historiografia a partir da Escola dos Annales vai repercutir intensamente nos estudos culturais resultando na aproximação dos historiadores com assuntos pouco trabalhados, assim essa abordagem no campo historiográfico será denominada nos anos 1970 de “História das Mentalidades”, e que se debruçou a estudos mais distanciados das perspectivas econômicas e sociais. Nos anos 1980, Roger Chartier³ vai enfatizar os estudos culturais evidenciando as “práticas” e as “representações” que estão contidas nos discursos individuais ou coletivos que identificam como a realidade cultural de um lugar em determinado momento pode ser construída, imaginada, pensada, idealizada. Sintonizado com as ideias do filósofo francês Michel Foucault⁴ que se distanciava das abordagens marxistas e dos Annales, Chartier dará sentido à chamada Nova História Cultural, ao atribuir dimensão do comportamento humano e de suas práticas o valor cultural, aproximando-se das práticas antropológicas e distanciando-se da Sociologia. (NAVARRETE, 2011, p. 23).

A contribuição à historiografia por parte da Nova História foi indiscutível, pois a partir dessa ampliação das possibilidades dentro das dimensões historiográficas percebemos a maior participação do sujeito nas discussões, nas análises, onde o operário é importante no processo histórico, assim como trabalhador rural, como o retirante nordestino, ou de qualquer localidade, que parte em busca de lugares outros e dá voz aos silenciados. Nesse sentido, a História Cultural se beneficia da literatura por retirar das narrativas literárias as significações/representações que se encontram nos textos, podendo se apropriar das muitas leituras existentes em cada discurso, extraindo da narrativa literária sua intenção de verdade, construindo os elementos que compõem seu enredo.

Na década de 1950, dentre tantos fatos que ocorreram no Brasil, destacou-se na região Nordeste o êxodo rural, a migração de sertanejos rumo a outras cidades, ou outras regiões do

³ Historiador francês que se destacou ao empreender um novo modelo de abordagem historiográfica, onde a cultura é concebida através das significações que os homens dão à realidade e as suas práticas. (NAVARRETE, 2011, p. 24).

⁴ Filósofo francês fundamental para a expansão do pensamento histórico, abordando aspectos antes negligenciados pela historiografia, a partir de suas discussões novos conceitos e novas possibilidades tornaram-se possíveis no campo da história.

país, destacando-se o Sudeste e principalmente o eixo Rio de Janeiro e São Paulo. A literatura, sensível às mudanças sociais, elabora sua visão acerca desse processo histórico, e realiza, mesmo que com personagens ficcionais, a sua construção imagética com relação a esse evento (CASTRO, 2014, p. 1). A criação do personagem que sai de uma pequena cidade do interior pernambucano em busca de chegar à capital Recife retrata, ou representa a fuga de milhares de indivíduos que, assim como ele, tiveram o mesmo destino, passaram pelas mesmas agruras e tiveram os mesmos sonhos, assim como a imaginação acerca de um lugar impossível, encantado e almejado, constituem as bases do pensamento utópico desse período e desse lugar. Dessa forma, os poetas João Cabral de Melo Neto e Manoel Camilo dos Santos, expõem suas versões “reais” ou “utópicas” acerca do processo migratório na região Nordeste na década de 1950 e das aflições e angústias representadas na forma de idealizações, eles elaboraram retratos do Nordeste de meados do século XX e essas imagens construídas repercutem no imaginário social daqueles que vivem em outras regiões do país ou mesmo dos habitantes do Nordeste que rotineiramente confirmam os discursos e construções dessa região feitas há décadas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011. p, 282). Como relata Sevcenko (1999):

A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 1999, p. 21).

Nicolau Sevcenko nos exemplifica a possibilidade de estudar um dado período histórico a partir de obras literárias, no caso de Sevcenko ele analisa o início do período republicano brasileiro, mais especificamente a partir da Abolição da Escravatura em 1888 até a década de 1920, destacando-se a cidade do Rio de Janeiro. As obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto são analisadas para assim poder entender as particularidades desse novo momento político que se iniciara no país e que deixava muitos indivíduos divididos em relação ao modelo mais eficaz, a monarquia ou a república.

As obras literárias por mais que sejam narrativas ficcionais, nelas estão contidas um forte elo com o espaço e com o tempo em que a narrativa é desenvolvida. Diferentemente do que propunha as ideias positivistas do século XIX com relação ao uso da literatura para o saber histórico, haja vista a incessante busca pela cientificidade, a Nova História Cultural busca nas *representações* contidas nas narrativas literárias uma forma de reinterpretar o passado, de possibilitar outra versão acerca de um fato histórico, de potencializar sua verdade.

A *representação* desse passado constituída a partir dos relatos literários de nos fornece o conhecimento histórico acerca de um dado local e de sua temporalidade, a partir do exemplo

de “Severino”⁵, de João Cabral onde ele potencializa grande parte do homem nordestino da década de 1950 que sofria com os problemas da seca e da baixa qualidade de vida nos sertões. A obra de João Cabral de Melo Neto constitui os aspectos sociais e culturais desse recorte temporal e desse espaço descrito, sua análise é o seu olhar acerca dessa região e a partir do seu parecer pudemos compreender e representar esse passado, identificar o contexto que compunha o enredo político, social e cultural da metade do século XX no Brasil, notadamente o Nordeste. A literatura, através de sua capacidade de interpretar e de confeccionar representações acerca da realidade possibilita-nos adentrar pelos caminhos percorridos pelos inúmeros “severinos”, pelas diversas estradas desérticas dos lugares mais afincos dessa região, idealizando a fraqueza do corpo, imaginado a súplica pela vinda da chuva, a saudade da família, o sonho de um dia ter pouso.

José D’Assunção Barros⁶ denomina a *Crise dos referentes históricos* como - “a idéia de que a história dificilmente poderia apreender algo de significativo ou mais perto da realidade histórica vivida, e que, no limite, a historiografia constituiria ficção” (BARROS, 2010, p. 3). A crise dos referenciais históricos que no último quarto do século XX inquietou os bastidores dos conceitos historiográficos, inclusive em torno do debate que aponta a eficácia ou problema da aproximação entre história e literatura, encontra embasamento nas obras e na importância de teóricos como Michel Foucault e suas problemáticas em torno do poder, saber e subjetividade; Michel de Certeau em “A operação historiográfica” (1974); Hayde White e a “Meta-História” (1973); na década de 1980 Paul Ricoeur escreve “Tempo e narrativa”. Dessa maneira, afirma Barros (2010, p.3): “Todos esses textos, e outros mais, têm em comum o fato de trabalhar o reconhecimento da dimensão literária da história, bem como de subjetividades várias.” Ainda remete a condição da história de reconstruir seu passado de novas maneiras e de como Koselleck é fundamental na sustentação desse pensamento acerca da importância do conhecimento do passado para a constituição dos saberes sobre o presente. (BARROS, 2010, p.3).

Dentre todos esses teóricos destaca-se a importância da narrativa como construção de historicidade, onde a narrativa histórica seria o reflexo do vivido, intermediada pelo historiador que irá construir a narrativa e pelo leitor que ressignifica a obra historiográfica. (BARROS, 2010, p.4). Assim, Ricoeur, como filósofo da história, contribuirá nos anos 1980 para os novos horizontes historiográficos, seguramente para as abordagens das narrativas

⁵ Personagem principal do poema “Morte e vida Severina”.

⁶ Historiador, autor de vários livros de Teoria da História, entre eles “*A expansão da História*” (2013) e “*História Comparada*” (2014).

históricas e literárias. José D’Assunção Barros (2010) acerca da importância das narrativas e da contribuição de Ricoeur para esse tema afirma:

O mundo precisa de narrativas – sejam estas as narrativas históricas, baseadas ou inspiradas em um vivido que deixou suas marcas através das fontes históricas, sejam as narrativas literárias, a princípio geradas pela criatividade livre de um autor, mas na verdade oriundas de relações que se dão na própria vida e através das próprias estruturas básicas do viver, portanto através da própria história. Este elo entre História e Literatura através da narrativa veio a constituir uma das grandes contribuições de Paul Ricoeur, uma obra que foi reconhecida pelos seus méritos de chamar atenção para uma relação incontornável entre Literatura e História, mas sem eliminar as singularidades da última. (BARROS, 2010, p.9).

A crise – ou a quebra de conceitos e dessa maneira não a entendemos como crise – das décadas de 1960 a 1980 repercutiu nas camadas discursivas que discutiam desde o social e econômico até as questões políticas. Correntes historiográficas como a Escola dos Annales e o Materialismo Histórico⁷ viram as bases historiográficas e epistemológicas serem abaladas, a Nova História e as novas abordagens para o fazer histórico foram implementando suportes teóricos que alargaram as possibilidades de ver/fazer história, principalmente com a ascensão da História Cultural.

Desde Tucídides⁸ a Michellet⁹, da Antiguidade à Modernidade a história passa pelo trabalho artístico de desenvolver suas narrativas, de se apossar de outras áreas do saber para poder constituir e enriquecer a sua, seja tomando emprestado o auxílio da Geografia para entender as distribuições espaciais e territoriais, seja da Antropologia para mergulhar pelos detalhes do indivíduo, seja a Sociologia para assim entendermos as particularidades de uma dada sociedade, além de claro, a Literatura como fonte histórica para adentrarmos nas lembranças, nas aspirações e no cotidiano de uma época e de uma região.

Morte e vida Severina agrega as intencionalidades contidas no diálogo entre literatura e história, haja vista que essa obra aponta as características da região Nordeste a partir do olhar de seu autor, o poeta João Cabral de Melo Neto, com isso o Nordeste de retirantes esfomeados e sedentos é reafirmado nessa obra, assim como já o fora em obras anteriores e até posteriores a ela. A “morte severina” que assolava aqueles que necessitavam de trabalho, para assim terem comida e não morrerem de velhice antes dos 30 anos como o autor repetidamente afirma era o mal a ser evitado, a batalha a ser vencida. Entre tantos problemas

7 Corrente histórico-filosófica que tinha como primeiro plano questões de ordem econômicas, seus idealizadores foram Karl Marx e Friedrich Engels.

8 Historiador grego que viveu entre 460 e 400 do século IV a.C.

9 Historiador francês nascido poucos anos após a Revolução Francesa, foi um dos maiores historiadores do século XIX.

de ordem socioeconômica num país de incessante busca por um modelo de nação desenvolvida e inserida nos ditames de países exemplares no que se refere as questões políticas e sociais, as necessidades básicas de sobrevivência era o alvo dos retirantes, a exemplo do personagem cabralino.

“O meu nome é Severino”. Severino é a personagem principal de *Morte e vida Severina*, “Severino de Maria;/ como há muitos severinos/ com mães chamadas Maria,/ fiquei sendo o da Maria/ do finado Zacarias”. (MELO NETO, 1956, p.29). Igual aos demais retirantes busca mudar de vida, sair daquela realidade triste do sertão nordestino que castiga aqueles que ficam esperando a sorte de que o inverno seja abundante, para assim poderem ter no que trabalhar, e que não precisem sair de sua terra natal. Ele dá vida a outros severinos, que assim como ele, precisam ser notados, percebidos. “Mas, para que me conheçam/ melhor Vossas Senhorias/ e melhor possam seguir/ a história da minha vida,/ passo a ser o Severino/ que em vossa presença emigra.” (MELO NETO, 1956, p.29). Dessa forma ele torna-se evidente, notado e conhecido. “Somos muitos Severinos/ iguais em tudo e na sina:/ a de abrandar estas pedras/ suando-se muito em cima,/ a de tentar despertar/ terra sempre mais extinta,/ a de querer arrancar/ algum roçado da cinza.” (MELO NETO, 1956, p. 30).

Na saga de Severino ele se depara com vários fatos que caricaturam aquele lugar, que nos dão uma amostra através das falas, dos diálogos como viviam aqueles que retiravam-se de suas cidades com destino a lugares outros. Numa de suas andanças Severino avista dois homens carregando um defunto numa rede, Severino pergunta: “E de onde que os estais trazendo,/ irmão das almas,/ onde foi que começou/ vossa jornada?” E um dos homens que levava aquele defunto responde: “Onde a Caatinga é mais seca,/ irmão das almas,/ onde uma terra que não dá/ nem planta brava.” (MELO NETO, 1956, p. 31). Assim, ele viaja, continua na caminhada rumo à capital, almejando mudar seu quadro social, querendo não ser mais um “Severino” que morreria jovem, sem ter podido desfrutar algumas benesses da vida. Severino depois de presenciar a cena do morto carregado na rede vê uma casa, entrando nela percebe que a residência é palco de um velório e que uma das falas proferidas nas excelências dizia: “Dize que levas somente/ coisa de não:/ fome, sede, privação.” (MELO NETO, 1956, 35).

A cidade de Recife fica cada vez mais próxima e a paisagem geográfica vai mudando ao passo que se distancia do interior, a Zona da Mata traz um clima mais ameno, mais verde nas plantações, água abundante e perspectivas de superação para aquele Severino “lá da serra da Costela,/ limites da Paraíba”. (MELO NETO, 1956, p. 29). Ele diz: “Bem que me diziam que a terra/ se faz mais branda e macia/ quanto mais do litoral/ a viagem se aproxima./ Agora afinal cheguei/ nessa terra que diziam./ Como ela é uma terra doce/ para os pés e para a

vista”.(MELO NETO, 1956, p.40). A mudança de região fez com que Severino comparasse sua terra natal com o lugar que ele estava chegando, assim, ele vê os benefícios que esta nova terra lhe proporciona, ele vislumbra a sua transformação social eminente. “Os rios que correm aqui/ têm a água vitalícia./ Cacimbas por todo lado;/ cavando o chão, água mina./ Vejo agora que é verdade/ o que pensei ser mentira./ Quem sabe se nessa terra/ não plantarei minha sina?” E conclui planejando afirmando sua valentia frente às possíveis adversidades que ele possa encontrar: “Não tenho medo de terra/ (cavei pedra toda a vida),/ e para que lutou a braço/ contra a piçarra da Caatinga/ será fácil amansar/ esta aqui, tão feminina”. (MELO NETO, 1956, p. 41).

Através das falas de Severino e das atitudes tomadas por ele podemos fazer uma representação do mundo social no qual ele está inserido, ou como o insere João Cabral de Melo Neto, vislumbramos suas agonias, suas tentativas de mudanças, além de percebermos o olhar do poeta para a imagem construída por ele com em relação à década de 1950 nos sertões nordestino. Nesse sentido de tentar enxergar as construções feitas a partir das representações daquilo que se passou Sandra Jatahy Pesavento (2000) afirma:

Estariamos, pois, diante da presença da ficcionalidade no domínio do discurso histórico, assim como da imaginação na tarefa do historiador. Não há dúvida de que o critério de veracidade não foi abandonado pela história, assim como também seu método impõe limites ao componente imaginário. O historiador continua tendo compromisso com as evidências na sua tarefa de reconstruir o real, e seu trabalho sofre o crivo da testagem e da comprovação, mas a leitura que faz de uma época é um olhar entre os possíveis de serem realizados. (PESAVENTO, 2000, p.10).

A representação feita deste local tomado pela falta de recursos, pela estiagem exagerada, pela falta de comida, por conter um clima específico que atrapalha no sucesso do agricultor, que reduz as chances de longevidade de muitos, que mais prepara o homem para a morte do que para a vida é um lado do caleidoscópio que pode ser representada a região Nordeste, é somente uma fresta entre janelas do que representa este espaço. João Cabral vê por esta óptica, ele prefere observar o sol escaldante que assola os que trabalham no cultivo da terra, se inclina para a deprimente necessidade de um sertanejo ter que sair de sua terra para ir para outro lugar, destaca a “morte severina” como o mal a ser aceito, ou até o mal a ser superado.

Viagem a São Saruê, assim como em *Morte e vida Severina* transfere para os leitores as intencionalidades do autor, o que ele pretende mostrar, destacar, tornar-se súplica. Em seus versos *São Saruê* revelava-se como lugar inalcançável, possível apenas no campo das ideias, mas ao mesmo momento pretende destacar problemas sociais.

São Saruê revela a partir de suas particularidades o excesso de bonança que permeia os que lá vivem, ao mesmo passo que torna exponencial a constante ausência de abundância, de benesses em lugares distantes dela. Manoel Camilo usa seus versos de Cordel para reproduzir um imaginário acerca de um lugar utópico, assim como o povo medieval do século XIII conviveu com a propagação do país da “*Cocanha*”, aproximando dessa maneira a narrativa utópica nordestina da *Fabliau* francesa. (PERES NUNES, 2014, p. 110).

“Doutor mestre pensamento/ me disse um dia: - Você/ Camilo vá visitar/ o país São Saruê/ pois é o lugar melhor/ que neste mundo se vê”. *São Saruê* era o melhor país existente pela ausência de angústias, pela facilidade em viver, por inexistir problemas econômicos ou sociais. O poeta Manoel Camilo continua a descrição: “O povo em São Saruê/ tudo tem felicidade/ não há contrariedade/ não precisa trabalhar/ e tem dinheiro a vontade”. (SANTOS, 1956).

Impacta as diferenças entre as duas narrativas, em *São Saruê* somos acostumados ao exagero, a abundância, como os descreve o poeta: “Galinha põe todo o dia/ invés de ovos é capão/ o trigo invés de sementes/ bota cachadas de pão/ manteiga lá cai das nuvens/ fazendo ruma no chão”. O excesso de bons mantimentos, bons dias, faz *São Saruê* destoar da realidade dita por Melo Neto, o contrário de tudo que há no sertão cabralino é visto no país mostrado por Manoel Camilo. “Sítios de pés de dinheiro/ que faz chamar atenção/ os cachos de notas grandes/ chega arrastam pelo chão/ as moitas de prata e ouro/ são mesmo que algodão”. (SANTOS, 1956).

A reivindicação de um espaço melhor, mais igualitário, existente tanto no país da “*Cocanha*” quanto em *São Saruê* asseguram a proximidade imaginativa entre esses dois lugares, que de certo modo fundem-se num só. Todavia, percebemos suas tendências, uma manejada pelos arcabouços medievais, pelas narrativas europeias, já a outra, forjada a partir da mentalidade sertaneja, nordestina, rural. Nessa perspectiva Peres Nunes (2014) afirma que:

Sendo assim, compreendemos que esse tema difundido no panorama nacional foi mantido na memória e solidificou-se graças às iniquidades sociais presentes desde o Brasil colônia, acentuaram-se e privilegiaram certas regiões, deixando outras abandonadas à própria sorte (...)(PERES NUNES, 2014, p.114).

Nessas abordagens literárias a história se apropria das sensibilidades dos autores de narrarem, tal como eles entendem, a sua versão acerca da realidade ou da idealização. A década de 1950 no Nordeste, aos olhos do poeta João Cabral, é a história dos vários “Severinos” que deram vida à sua narrativa, daqueles que passaram pelas mesmas necessidades, e que sofreram as mesmas dificuldades, já para Manoel Camilo, a descrição

utópica de um país revela, se não a realidade, mas uma crítica a ela. Ainda sobre a importância da história para poder reconstruir o passado, através das representações acerca do mundo social, Pesavento (2000) diz:

Sem dúvida, é a história que articula uma fala autorizada sobre o passado, recriando a memória social através de um processo de seleção e exclusões, onde se joga com as valorações da positividade e do rechaço. Há, pois, um componente manifesto de ficcionalidade no discurso histórico, assim como, da parte da narrativa literária, constata-se o empenho de dar veracidade à ficção literária. Naturalmente, não é intenção do texto literário provar que os fatos narrados tenham acontecido concretamente, mas a narrativa comporta em si uma explicação do real e traduz uma sensibilidade diante do mundo, recuperada pelo autor. (PESAVENTO, 2000, p.12).

Os registros do passado ficam a espera do historiador poder reconstruir a história a partir das evidências deixadas, “apresenta-se como uma configuração poética da realidade, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade”. (BARBOSA, 2015). As evidências e os signos constituem o substrato para que no campo das representações os fatos históricos possam ser condicionados a uma nova leitura, e assim os costumes de uma época, uma tendência política ou práticas culturais possam ser evidenciadas e sirva para o desenvolvimento da consciência histórica.

3- CAPÍTULO II- REGIONALISMO: AS IMAGENS DO NORDESTE

Desde que estou retirando
 só a morte vejo ativa,
 só a morte deparei
 e às vezes até festiva;
 só morte tem encontrado
 quem pensava encontrar vida,
 e o pouco que não foi morte
 foi de vida Severina
 (aquela vida que é menos
 Vivida que defendida,
 e é ainda mais Severina
 para o homem que retira).
 (MELO NETO, 1956, p. 35- 36).

A História Regional ou História Local possibilita o afinamento de ideias com relação ao espaço a ser estudado, ao mesmo passo que expande a quantidade de aspectos a ser questionado, pesquisado, e oferece a chance de observar particularidades que num âmbito mais geral ficaria em segundo plano. Nesse sentido, a História Regional ou Local traz, por exemplo, a região Nordeste para o centro das investigações históricas, suas nuances sociais, econômicas e culturais tornam-se objeto de estudo, configurando o Nordeste como a região a ser posta como alvo das análises. (BARROS, 2013. p, 165).

Nesse sentido, a região Nordeste traz em suas características traços que foram sendo evidenciados principalmente a partir do século XIX, porém tomando maior proporção no século XX através de reivindicações políticas e econômicas que depreenderam aspectos sociais e culturais. O Nordeste foi entendido de várias formas, desde a generalizante designação “Norte” até a região das particularidades climáticas, culinárias, geográficas, turísticas, que colocadas em destaque assumem a caricatura de um povo, as marcas de uma região, a plenitude de um jeito particular de ser/existir.

No livro *O regionalismo nordestino*, Rosa Godoy¹⁰ traz a discussão acerca da dicotomia entre Norte e Sul, destacando a disputa política e geográfica desde o período colonial. Com motivações estratégicas as regiões Norte e Sul do país desenvolveram ações de teor político-territorial, destacando-se a região Norte como a mais fiel a colonização portuguesa e depois a que mais planejou e realizou revoltas separatistas; já a região Sul caracterizou-se pela emergente tentativa de reafirmar o Estado brasileiro como nação. (SILVEIRA, 2009, p. 152).

¹⁰ Historiadora paulista, defendeu a tese intitulada: “*Regionalismo, ideologia do espaço*”, atuou vários anos no PPGH da UFPB.

Para tratar acerca das problemáticas da História Regional, Rosa Godoy volta ao século XIX durante o governo imperial e discute questões em torno do poder do Estado nas ações econômico-políticas, as já discutidas secas no Nordeste, e a transferência do poderio econômico do então Norte (Nordeste) para a região Sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo). Utilizando de interpretações marxistas a autora discorre a respeito das análises sociais, econômicas e políticas numa abordagem sobre o conceito de espaço e de região, aprofundando a pesquisa a respeito do modo de produção capitalista no Brasil, além da emergência do Estado e das conseqüentes regiões do país. (SILVEIRA, 2009, p. 233).

A região Nordeste como a entendemos hoje é o resultado de várias construções imagéticas feitas ao longo do tempo, se a historiadora Rosa Maria Godoy Silveira estudou as relações econômicas e políticas que configuraram algumas das particularidades da região a partir do século XIX, Durval Muniz¹¹ enfatiza o nascimento do Nordeste para o início do século XX, mais precisamente na década de 1910, no momento da criação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), quando o discurso da necessidade de ajuda governamental para os problemas da seca trouxe benefícios para essa parte geográfica do país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81). Nesse momento o então generalizado Norte passa a ser desmembrado e constitui-se o Nordeste, local de particularidades bem definidas, enxergadas como pertencentes inseparáveis dessa localidade. Pensando a região, o espaço nordestino, Durval Muniz (2011) em *A invenção do Nordeste* afirma:

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.35).

A região Nordeste irá ser moldada a partir dos olhares postos em sua direção, cada inventiva que surge a seu respeito irá constituir o emaranhado de símbolos que teceram as características desse lugar. O homem nordestino parece mais sofredor, os animais mais suscetíveis as mazelas dos irregulares invernos, as mulheres são menos femininas, as crianças são menos crianças e mais adultas. O clima é preponderante nas perspectivas quanto ao futuro, as horas passam de forma diferente e o porvir é sempre mais angustiante.

Ao traçar o surgimento da região - “O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre “Norte” e “Sul” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 51) – a partir de desdobramentos político-sociais, Durval depreende algumas das nuances que fomentaram

¹¹ Autor de livros que trazem a temática da História Cultural, destacando-se a região Nordeste, dentre eles “*A invenção do Nordeste e outras artes*”, (2011).

os axiomas do regionalismo nordestino, seja através da literatura, seja da culinária, na mídia radiofônica e posteriormente na televisão, na música ou nas festas.

As regiões do país passaram a ser mais precisas a partir da necessidade política de centralização da nação, assim, as regionalizações ficaram mais evidentes e cada espaço nacional foi sendo moldado, configurado a partir de suas intencionalidades, necessidades, inclusive foi sendo inventada a imagem do outro, as características da outra região, umas mais bem posicionadas outras marginalizadas. Os estados da federação – apesar da autonomia prevista pelos ideais republicanos – vão a partir do início do século XX se agrupar em torno dos regionalismos, desses espaços maiores em que cada estado se encaixava. “O espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.60).

O século XX foi elementar para a formulação conceitual em torno dos signos que figuravam a região Nordeste, seus traços sociais, as características dos seus moradores, os objetos domiciliares, a religiosidade tradicional, as práticas culturais. Em oposição ao “Sul”, notadamente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o Nordeste se manteve distante da modernidade destes lugares, inclusive sendo a produtora de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico desses espaços, que recebiam os retirantes nordestinos e se utilizavam de seus serviços. Construções imagéticas figuradas desde o século XIX foram contribuindo para a impregnação do pensamento popular em torno da região, “Os sertões” de Euclides da Cunha é um exemplo dessa formulação construtiva pela literatura em relação ao famigerado Nordeste.

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62).

O Nordeste se configura como o lugar do cangaço, onde provavelmente Lampião seria o rei, lugar da terra pingada de sangue, de sol escaldante e da religiosidade messiânica. Terra do Conselheiro e do Padre Cícero, das carroças de bois e dos vaqueiros destemidos, da briga de peixeira e do “cabra macho”, posteriormente também da “mulher macho”. Com o chamando *Romance de Trinta* os literatos tentarão propagar a “realidade” da região, as mazelas sociais, as calamidades que constituíam aquele espaço. Essa visão crítica da literatura em torno dos problemas sociais visava a sensibilidade em prol do sertanejo, daquele sujeito que precisava tornar-se um retirante para assim ter uma alternativa de continuar vivendo,

desse homem que perderia aos poucos sua identidade cultural ao distanciar-se de seu povo e de seus costumes. (NÓBREGA, 2011, p. 102).

Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, Rachel de Queiroz em *O Quinze*, são alguns dos exemplos dos literatos que fizeram de sua escrita uma arma a favor da denúncia, seus textos eram os indícios que faziam explícitas as necessidades do Nordeste, notadamente o sertanejo. Geralda Medeiros Nóbrega (2011) em relação ao Romance de 30 e as contribuições voltadas para o imaginário da seca, afirma:

As imagens da seca, no romance de 30 e as ressignificações literárias, envoltas pelo imaginário, manifestam-se como maneiras de olhar, perceber e sentir. Isto dito também para destacar que, em Literatura, as imagens vão-se construindo e vão recriando sentidos, na aproximação de ficção e realidade e na fluidez entre real e imaginário, que deságuam no estuário do simbólico. (NÓBREGA, 2011, p. 33).

As décadas de 1930 a 1950 constituíram um período fértil para a política nacional, Getúlio Vargas ascende ao poder político (1930) e desencadeará anos mais tarde o Estado Novo (1937-1945), substituído pelo então Período Democrático (1945-1964). (DELGADO, 2013, p. 171). Nesse ínterim, interligado a proposta literária dos tradicionalistas a sociedade urbano-industrial remodela as bases da sociedade, há a transição nas relações sociais trabalhistas em torno da mudança de foco rural para a crescente modernização urbana, possibilitando a emergência de denúncias em torno da vida, do melhoramento da qualidade socioeconômica. “O “romance de trinta” tem com tema central a decadência da sociedade patriarcal e sua substituição pela sociedade urbano-industrial”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.127).

A emergência de tal literatura tornou-se possível graças as comparações sociais dentre as regiões, as críticas foram proporcionadas a partir do olhar dos escritores para as paisagens que compunham os cenários físicos da região. A diáspora regionalista ocorrida nesses anos torna-se ferida aberta nas mãos dos que delatavam criticamente esses episódios de tristeza, saudade e incerteza.

O Nordeste, espaço brasileiro, ao ser representado literariamente, produziria a originalidade de nossa produção literária. Espaço em crise que deveria se expressar por meio da denúncia e da polêmica. Espaço telúrico que deveria ser permanentemente recriado na memória e recuperado tal como deveria ser. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 125).

Severino segue seu caminho em busca de seu destino, mas no meio de sua travessia ele se depara com a necessidade de trabalhar para poder comer, e avista uma mulher que poderia,

pensava ele, dá-lhe algum serviço. Severino descreve inúmeros trabalhos que ele pode desempenhar: lavrador, vaqueiro, cozinheiro; todos descartados pela senhora que alega não precisar de tais serviços. Mas Severino arremata a conversa afirmando as práticas mais corriqueiras dele em sua terra: “Deseja mesmo saber/ o que eu fazia por lá? Comer quando havia o quê/ e, havendo ou não, trabalhar”. De pronto a senhora responde: “Essa vida por aqui/ é coisa familiar;/ mas diga-me retirante,/ sabe benditos rezar?/ Sabe cantar excelências,/ defuntos encomendar?/ Sabe tirar ladainhas,/ sabe mortos enterrar?” (MELO NETO, 1956, p. 38, 39).

A conversa que começara com o pedido de Severino por um trabalho, frustrado pela falta de necessidade de tais serviços oferecidos por ele, encaminha-se para a curiosidade de Severino de saber qual o trabalho exercido por aquela senhora. Ela se vale da tristeza da morte para sobreviver, para ela esse mal inevitável era ansiado como perpetuação de sua existência, cada fim de vida alheio era a confirmação de sua continuidade na vida, participando de velórios e enterros de desconhecidos: “Como aqui a morte é tanta,/ só é possível trabalhar/ nessas profissões que fazem/ da morte ofício ou bazar”. (MELO NETO, 1956, P. 40). Severino ainda escuta dela:

Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem regar; as estiagens e as pragas fazem-nos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se na hora mesma de semear. (MELO NETO, 1956, p. 40).

A narrativa da história do retirante Severino continua, ele segue sua peregrinação rumo ao Recife, ele almeja alcançar algum lugar que possa descansar de tamanha viagem, lugar onde seus esforços tenham valido a pena. “Nunca esperei muita coisa,/ digo a Vossas Senhorias.” Sua história se assemelha a de muitos retirantes que ao longo dos caminhos desbravados iam perdendo suas identidades, ou talvez, lutando incansavelmente para não perdê-la, iam-se agarrando as memórias de seus lugares. “O que me fez retirar/ não foi a grande cobiça;/ o que apenas busquei/ foi defender minha vida/ de tal velhice que chega/ antes de inteirar trinta;/ se na serra vivi vinte,/ se alcancei lá tal medida,/ o que pensei, retirando,/ foi estendê-la um pouco ainda”. (MELO NETO, 1956, p. 44,45).

Finalmente Severino chega ao Recife, depois de muito caminhar e de muitas agonias passar ele se depara com a conversa de dois coveiros que discutem a respeito de suas profissões, eles tinham a morte como a mantenedora de suas vidas, era a morte, esse evento da

vida, que os faziam úteis na cidade grande. Eles diziam: “... é sempre nosso serviço/ crescendo mais cada dia;/ morre gente que nem vivia”. (MELO NETO, 1956, p. 50).

A morte na narrativa literária era retratada de forma desmitificada, a normalidade desse fato inevitável era o cerne da discussão, o adiamento da morte era batalha quase vencida. “E esse povo lá de riba/ de Pernambuco, da Paraíba,/ que vem buscar no Recife/ poder morrer de velhice,/ encontra só, aqui chegando/ cemitérios esperando”. O Nordeste cabralino, assim como o de outros regionalistas, era esse marcado pela ação cruel da morte, era o cenário real a ser evidenciado. Finalizam a conversa os coveiros: “Não é viagem o que fazem/ vindo por essas caatingas, vargens;/ aí está o seu erro:/ vêm é seguindo seu próprio enterro”. (MELO NETO, 1956, p. 50).

O sertanejo era a principal figura do Nordeste, era ele quem representava a essência do homem da região, a literatura regionalista, inclusive João Cabral, vê nessas figuras o objeto figurativo que detém a força imagética que compunha o enredo nordestino. Esses seres que batiam em retirada de seus humildes lares e iam encarar a sorte, ou o azar, de irem para lugares outros, peregrinos em busca de sobrevivência. Lara de Castro (2011) acerca dos retirantes, diz:

Essas feições, que tem como principal amparo a literatura e colocam o retirante no lugar da criatura que se movimenta passivamente, de forma “animada” e “ingênua”, também contribuíram para o atrelamento desses migrantes a animais em diferentes escritos. Romances como *A Fome*, *Luzia-Homem*, *Os Cassacos* (ANDRADE, 1934), *O Quinze* (QUEIROZ, 1993), *Aves de Arribação* (SALES, 1979) e *Vidas Secas* (RAMOS, 1983), por exemplo, propagam uma concepção fatalista no qual a aridez do sertão desgraça as criaturas, sendo a causa potencial dos males dos sertanejos. Além do mais, algumas dessas obras fazem comparações diretas de retirantes com animais. (CASTRO, 2011, p. 4).

Fazendo uma análise de sua saída do sertão rumo ao litoral, Severino não encontra muitos motivos para animar-se, mais enfaticamente ele rende-se ao destino traçado para ele. “E chegando, aprendo que,/ nessa viagem que eu fazia,/ sem saber desde o Sertão,/ meu próprio enterro eu seguia./ Só que devo ter chegado/ adiantado de uns dias;/ o enterro espera na porta:/ o morto ainda está com vida”. (MELO NETO, 1956, p. 50, 51). *Morte e vida Severina* é essa narrativa que ao passo que opõe vida e morte, funde-a numa só, a morte é questão temporal, todos irão enfrentá-la, seja sertanejo ou não, a batalha é adiar o dia em que morte vencerá a vida, ou ainda: entregar-se a ela.

A solução é apressar a morte a que se decida e pedir a este rio, que vem também lá de cima, que me faça aquele enterro que o coveiro descrevia: caixão macio de lama, mortalha macia e líquida, coroas de baronesa junto com flores de aninga, e

aquele acompanhamento de água que sempre desfila (que o rio, aqui no Recife, não seca, vai toda a vida). (MELO NETO, 1956, p. 51).

Ao conhecer a saga de Severino também podemos observar as participações de personagens coadjuvantes na narrativa, como os outros “severinos”, a mulher que sobrevivia chorando nos muitos velórios de sua localidade, os homens que carregavam o morto numa rede, enfim, todos produzem vozes a serem percebidas, sentidas, numa forma de compreender o ritmo do cotidiano sertanejo escrito por Melo Neto. Todas as falas, as ações e até as manifestações indiretas, subjetivas, são elaboradas com uma intencionalidade capaz de produzir um efeito discursivo-imagético a respeito de uma parte do Nordeste da década de 1950.

Mais um dos personagens do poema é “Seu José, mestre Carpina”, que conversara com Severino à beira do rio sobre a profundidade, a possibilidade de cruzar o rio e a força da correnteza. “Seu José, mestre Carpina,/ e quando a ponte não há?/ quando os vazios da fome/ não se tem com que cruzar?/ quando esses rios sem água/ são grandes braços de mar?” O mestre carpina o responde: “Severino, retirante,/ o meu amigo é bem moço;/ sei que a miséria é mar largo,/ não é como qualquer poço:/ mas sei que para cruzá-la/ vale bem qualquer esforço”. (MELO NETO, 1956, p. 52).

Em analogias os dois discutem a importância da vida, a força necessária para conduzi-la rumo a dias melhores, ao reconhecimento das angústias certas na vida daqueles que lutam por ela e conseqüentemente passarão por rios de dificuldades. No desfecho da conversa Severino indaga o mestre carpina. “Seu José, mestre carpina,/ que diferença faria/ se em vez de continuar/ tomasse a melhor saída:/ a de saltar, numa noite,/ fora da ponte e da vida?” (MELO NETO, 1956, p. 53).

As utopias não surgem aleatoriamente, elas precisam de um arcabouço social que elevem os pensamentos críticos daqueles que percebem a realidade de um povo, que denunciam, nos casos de *Cocanha* e *São Saruê*, através da literatura os problemas vividos por determinada ala da sociedade, destacadamente grande parte da Europa do século XIII e o Nordeste do século XX. Nóbrega (2011) diz:

Mesmo que a utopia se associe ao futuro, ela também mantém relação com o passado, impulsionado para o presente. É preciso ter vivenciado algum tipo de experiência, para criar expectativas. A expectativa, que não pode ser dissociada do campo social, transita pelos caminhos história e, percorrendo a área política, penetra na vida cultural (...) (NÓBREGA, 2011, p. 25).

Ao passo que Severino sonha com um porvir melhor, ele também sente-se por vezes incapacitado de realizar os seus objetivos, de chegar no destino correto, o que denota a amplitude de angústias que transcorriam o pensamento daqueles que viveram esse período e que, assim como Severino, tiveram as mesmas dúvidas, passaram as mesmas aflições, como descreve Melo Neto. Acerca da angústia levada pela vigência da morte, NÓBREGA (2011) afirma:

João Cabral de Melo Neto desenvolve uma tendência telúrica em que se situa a morte. Esta está desvinculada do plano do lirismo e o poeta, de modo objetivo, expande o tema, enfocando os cemitérios pernambucanos, descrevendo-os com detalhes. O poeta nivela todos os seres, estabelecendo uma semiose, pelo desdobramento de sentidos, aplicados ao tema. Associa a morte ao tema da viagem, o que permite a descrição do que é visualizado, percebido ou mesmo sentido. Revelando a morte a uma função social, o poeta estabelece um nível equilibrado de possibilidade, no tratamento que lhe dá, inclusive, inserindo-a no âmbito do sagrado. (NÓBREGA, 2011, p. 140).

O personagem principal de João Cabral, Severino retirante, tende a se preocupar com a morte, a fome, a sede e a falência de suas ambições. *São Saruê* não tem um personagem principal, apesar da narrativa do autor, não se evidencia um sujeito em especial, lá a comunidade é colocada destacadamente, bem como as maravilhas vividas por seus habitantes e potenciais detentores dos benefícios e de toda felicidade emanada de seu país encantado, desse modo: “é feliz quem visita este país”. (SANTOS, 1956).

A utópica *São Saruê* é desejável aos que dela tomam conhecimento, através dela as agruras da vida sofrida tornam-se menos pesadas, a possibilidade de morar ou mesmo conhecer este lugar proporciona um afago aos sofridos retirantes, aos “Severinos” da saga de João Cabral. Manoel Camilo fez literariamente o oposto do sofrimento enfrentado pelos trabalhadores urbanos e notadamente rurais que ensejavam conseguir emprego e doravante uma condição social melhor, expôs o íntimo dos pensamentos inefáveis daqueles que idealizavam um futuro exitoso. Nas palavras do poeta: “Quando avistei o povo/ fiquei de tudo abismado/ uma gente alegre e forte/ um povo civilizado/ bom, tratável e benfazejo/ por todos fui abraçado”. (SANTOS, 1956).

“As regiões, no Brasil, se definiriam, então, por histórias diferentes, grupos espirituais típicos; com usos, heróis e tradições convergentes.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 89). A construção do Nordeste dentre signos, símbolos, discursos imagéticos foram abundantes e em diversas perspectivas, despontando através da música, da literatura ou outras formas de propagação de imagens e de caricaturas acerca de um espaço ou de uma cultura. Dentre esses discursos que se moldaram, os signos da fome e da seca foram bastante

expressivos, depositando no imaginário popular uma série de facetas que nutriam a cada obra fílmica, radiofônica ou literária a imagem sempre congelada do homem sertanejo fugindo da seca, tentando vencer a fome, além de ter como missão a árdua labuta de confeccionar outro futuro.

O Nordeste se configura na literatura regionalista como lugar de perpetuação da memória, de continuação das tradições populares e sociais, onde o passado está sempre dialogando com as tendências do presente. João Cabral de Melo Neto ratificou essas idéias, mesmo *Morte e vida Severina* destoando da sua vasta obra, reconhecidamente sofisticada e moderna, ele ajudou a reafirmar esse Nordeste, multiplicou o número de “Severinos” em terras sertanejas através de sua obra, além de compactuar a ideia generalizante em torno da região.

O discurso tradicionalista toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ele faz da história o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição, e toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade eterna, mas encoberta. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 93).

Foram-nos dadas as construções sociais e imagéticas do espaço regionalista do Nordeste, características que desde o período colonial foi se moldando e que se acentuou no século XIX, dentro do período imperial. Espaço de dor, de morte, de vida. O Nordeste se configurou a partir de suas necessidades, do olhar curioso dos outros e dos olhares constituídos pelos seus filhos, que absorveram e propagaram o Nordeste que melhor beneficia a todos, que permanece atrelado a outros tempos, porém, dentro do mesmo espaço.

4- CAPÍTULO III- REALIDADE E UTOPIA: A ANGÚSTIA DO DEVIR

Por onde andarรก a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fรกcil, tรกo doce e rica,
nรกo 茅 preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto, a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemit茅rio ali,
branco na verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha.
(MELO NETO, 1956, p. 41).

“Na verdade, a História 茅 o estudo do homem no *tempo* e no *espaço*.” (BARROS, 2013. p, 137). Essa afirmação remete ao pensamento do historiador da Escola dos Annales, Marc Bloch, que ao mencionar tal pensamento alargava os domínios históricos, nas abordagens a serem estudadas ou nas fontes para pesquisa, distanciando-se do pensamento positivista do século XIX que pensava o estudo da História segundo  consulta de documentos oficiais e da narração de grandes personalidades.

Estudar o homem através dos tempos e dando enfoque também ao espaço no qual ele está inserido possibilita uma assimilação do contexto social, econômico e cultural que produz mais força, que rodeia a essência da vida mais próxima da realidade, e condiciona a conhecer as angústias, os sonhos e as necessidades particulares de cada região. Dessa forma, este espaço que torna possível o conhecimento de uma região ou de um povo pode inclusive estar ligado ao “espaço cultural”, que através do imaginário contido nas narrativas literárias podem tornar explícito os pensamentos individuais e coletivos. (BARROS, 2013. p, 137).

Do século XIX ainda foi herdada a dicotomia entre a *verdade* histórica e a *ficção* literária, onde uma se debruçaria sobre o fato em si, detentora da verdade e a outra era entendida como fantasia, algo imaginável, e assim, incapaz de produzir conhecimento histórico. Como já foi mencionado no capítulo *História e literatura: caminhos historiográficos* a literatura iria mudar essa perspectiva a partir da segunda década do século XX, onde sua interferência, juntamente com a história, significaria um suporte essencial para os estudos relacionados às *representações* culturais, acerca da produção literária e da contribuição na reinterpretação de momentos e fatos históricos. Nesse sentido, a vertente historiográfica que almeja recorrer à literatura como uma das propulsoras de verdades,

entende que a construção ficcional remete às ‘realidades’ sociais, às pautas em discussão dos segmentos econômicos e políticos, constituindo dessa forma uma maneira de fazer/construir o conhecimento histórico.

A reconstituição acerca do passado de uma região, das memórias contidas numa comunidade é substancial para a construção histórica, num processo em que as práticas culturais exercidas por uma comunidade ou as perspectivas sociais dos indivíduos ou da coletividade regional são expressões carregadas de historicidade. A respeito das representações constituintes de construções históricas, Pesavento (2000), afirma:

Entretanto, uma coisa seria a “passeidade” daquilo que ocorreu um dia, revestido de um caráter único, de um conjunto de fatos acontecidos e impossíveis de serem reconstituídos na sua integridade. Outra coisa seriam os fragmentos ou testemunhos desta passeidade que nos chegam e que chamamos de fontes e já se constituem numa representação, numa leitura daquilo que se passou. Nesse contexto, a tarefa do historiador contemporâneo seria construir, por sua vez, uma representação plausível a partir das representações feitas, compondo a sua versão sobre a “passeidade” (PESAVENTO 2000, p. 10).

A literatura constitui-se então numa base sólida capaz de proporcionar fragmentos diminutos de uma parcela da sociedade, através dela a História encontra evidências que dão luz aos conhecimentos históricos, reafirmando memórias, contornando fatos que deixaram suas marcas. A produção literária alarga as possibilidades de adentrar no íntimo da vida privada, das manobras pessoais de outrora, das tendências prioritárias de determinadas sociedades.

4.1- João Cabral de Melo Neto e “Morte e vida Severina”

Severino retirante,
 deixe agora que lhe diga:
 eu não sei bem a resposta
 da pergunta que fazia,
 se não vale mais saltar
 fora da ponte e da vida;
 nem conheço essa resposta,
 se quer mesmo que lhe diga;
 é difícil defender,
 só com palavras ,a vida,
 ainda mais quando ela é
 esta que vê, severina;
 mas se responder não pude
 à pergunta que fazia,
 ela, a vida, a respondeu
 com sua presença viva.
 (MELO NETO, 1956, p. 60).

O poeta João Cabral de Melo Neto é pernambucano, nascido no dia 09 de janeiro de 1920 na cidade de Recife, faleceu em 09 de outubro de 1999 deixando uma obra literária abundante, cheia de prêmios e de títulos, porém, o mais importante foi a contribuição para a literatura nacional, que mesmo após o silêncio provocado pela morte do escritor ainda podemos ouvi-lo através de suas narrativas e pensamentos.

Autor que desde a juventude já discorria a escrever acerca de problemas sociais da região Nordeste, visão herdada da leitura dos escritos do alagoano Graciliano Ramos, que em *Vidas Secas*, datada de 1938, narra as agruras de uma família de retirantes em busca de sobreviver em meio as dificuldades da seca e da fome. O Nordeste de João Cabral é bastante parecido com o de Graciliano Ramos, principalmente nos retratos “pintados” por esses autores, imagens que repercutem e que moldam o imaginário acerca dessa região. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) descreve sobre a linguagem usada por eles para “inventarem” o Nordeste:

Eles buscam uma linguagem que seja radicada na terra, que não seja uma trégua ou fuga da realidade, mas sua expressão contundente. O Nordeste, mais do que ser dito pela linguagem, seria uma forma de falar, de dizer, de ver, de organizar o pensamento; seria o espaço da não-metáfora, da dicção em preto e branco, do não florido; seria um canto a palo seco. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 282).

João Cabral busca em seus poemas, notadamente em *Morte e vida Severina*, fazer-nos evidente a realidade nordestina, realidade arisca dos sertões que sofrem anualmente com os problemas climáticos que insistem em desertificar os solos e conseqüentemente diminuir consideravelmente os níveis de água dos reservatórios, matar as plantas e os animais, além de tornar a terra arenosa e improdutiva. Assim, para João Cabral, essa região precisa ser percebida como de fato ela é, com suas problemáticas explícitas, capaz de ser notada por diversos ângulos. “O Nordeste é conteúdo e forma que ferem, que cortam, que perfuram, que doem e que fazem sangrar. É ferida exposta na carne da nação”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 283).

Através dessa literatura popular confeccionada por João Cabral percebemos o Nordeste a partir das lamúrias, das excelências, dos velórios daqueles que morreram prematuramente antes dos trinta anos, ele faz-nos atentar para a realidade do sertanejo, que para ele era o personagem principal dessa região, distanciando-se assim da perspectiva

analítica de Gilberto Freyre¹², que dava maior enfoque a região da Zona da Mata, da cana-de-
açúcar e do litoral. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 286).

A obra é multifacetada por suas abordagens, ela traz como foco a morte e a iminência
dela para os que convivem em tal realidade transcrita, mas também cita a vida como algo
possível, mesmo que para prolongá-la sejam necessários vários sacrifícios, renúncias e riscos.

A morte, no contexto épico de “Morte e vida Severina” é um trasbordamento da vida.
O poeta consegue desenvolver um discurso eclético, com variantes desde o uso da
medida velha, com representação da cultura popular/nordestina, incluindo uma visão
de mundo ora medieval, ora barroca, chegando até o realismo, sem perder o senso da
poesia modernista. (NÓBREGA, 2011, p. 134).

A visão tradicionalista de João Cabral acerca do Nordeste revela suas prioridades, suas
vontades. Prioridade de colocar essa região despida de roupagem utópica, vontade de
perpetrar no imaginário social a insígnia que representa o Nordeste à sua luz, necessidade de
mostrar o sertão como o espaço – geográfico, imagético e cultural – que designaria a região
Nordeste.

O sertão, a verdade do Nordeste, da miséria, da fome, do latifúndio, da violência, da
vida pouca, conquistada a retalhos. O Nordeste tradicionalista é uma região com
cupim, esfacelando-se. É uma região cujo núcleo de resistência é a dureza de seu
homem: o sertanejo. Homem de natureza de cabra, a única coisa rija neste espaço
bichado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 287).

A literatura cabralina - apesar de enxergar em algum momento da existência humana o
recomeço, a benção da vida e busca pela felicidade - centra suas análises na caricatura
elaborada por ele e outros regionalistas/tradicionalistas do espaço/região da miséria e da fome,
do lugar fadado a curta expectativa de vida, ao passo que ele tencionava descaracterizar a
região Nordeste ao local de finitude da vida, da aridez da terra, ele produzia sua invenção
desse lugar, por vezes reafirmando o discurso regionalista que construía as imagens acerca do
Nordeste. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.291 a 293).

O sertão de Pernambuco é o palco principal da obra de João Cabral, mas podia ser
qualquer parte desse espaço sertanejo marcado pelas mesmas características, pelos mesmos
problemas de ordem social, e o litoral – rumo tomado por Severino – é o lugar a ser
alcançado, a região salvadora daqueles que já não possuíam perspectivas de futuro. Nóbrega
(2011) tratando das inventivas simbólicas sobre o Nordeste discorre a respeito de Melo Neto
de seu poema *Morte e vida Severina*:

¹² Sociólogo referencial nas discussões sobre a identidade brasileira, na sua obra destaca-se o livro “Casa Grande
e Senzala” publicada em 1933.

“Morte” e “vida” estão intimamente interligadas de tal modo que falar de vida é remeter para a morte e situar a morte é tentativa de integrar-se à vida. Severino, o herói épico, é a representação do homem sofrido, na epopéia do povo nordestino, e é este herói, que senhor do seu destino, descreve o visto, o vivido e o sentido, em sua viagem em busca de vida. Mesmo vivenciando as situações de morte, através das cartografias paisagísticas da deslocação, os mapas, brotados do imaginário, impregnam o espaço percorrido de uma adaptação da vida á aridez. (NÓBREGA, 2011, p. 134).

O conhecimento do Nordeste da metade do século XX foi desenhado poeticamente por João Cabral de Melo Neto, na sua escrita conhecemos uma região tipicamente voltada para as tradições que buscavam a “real” dimensão do cotidiano vivido pelos indivíduos que nasceram, viveram e que construíram e foram construídos imagetivamente nas particularidades do “verdadeiro” Nordeste.

4.2- Manoel Camilo dos Santos e “Viagem a São Saruê”¹³

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

(MANOEL CAMILO DOS SANTOS, 1956).

O poeta Manoel Camilo dos Santos é paraibano, natural da cidade de Guarabira, nasceu em 09 de junho 1905, desenvolveu grande trabalho na literatura popular, incluindo a cantoria, a xilografia, a tipografia, dentre outras funções que contribuíram para a constituição de seu nome dentro do cenário literário do estado. Faleceu em Campina Grande no ano de 1987.

Dentre suas inúmeras ocupações e dialogando com suas atividades de cordelista, Manoel Camilo inaugura a tipografia Santos, que posteriormente levará o nome de “A estrela da poesia”, ele desenvolve suas obras literárias desde a década de 1930 e até o período de sua morte mantêm estreita relação com as palavras. Estão entre suas principais poesias a *Autobiografia do poeta* (1979), *O caboclo do bode* (1974), *O sabido sem estudo* (1955) e a obra de maior destaque *Viagem a São Saruê* (1956). (PERES NUNES, 2014. p, 120).

¹³ Reiteramos a explicação acerca do ano da primeira publicação do cordel “Viagem a São Saruê” para 1947, evidenciando sua propagação para o ano de 1956.

No desenvolvimento das suas atividades culturais, destaca-se a já citada obra de Manoel Camilo, o cordel propagado no ano de 1956, *Viagem a São Saruê*. Em toda obra composta em vários anos de dedicação à poesia e à cultura popular, este cordel toma proporções diferenciadas, chegando inclusive a ser publicado em francês, alargando dessa maneira as fronteiras dimensionais da escrita do poeta paraibano.

O Cordel enquanto literatura constitui-se primeiramente a partir das tradições orais, das cantorias, para surgirem as métricas e rimas que dariam as formas desse estilo literário que tem a marca das impressões desses folhetos. Diferenciados pelas sextilhas, pelas redondilhas maiores, decassílabos, os folhetos assumem características peculiares ao chegar no Brasil pós colonização portuguesa no século XVI e somente na década de 1970 que passa a chamar-se de Literatura de Cordel, antes denominados de folhetos. (SILVA, 2007, p. 14).

A década de 1950 é o palco em que João Cabral de Melo Neto escreve *Morte e vida Severina*, concomitantemente Manoel Camilo dos Santos dá vida a *Viagem a São Saruê*, dentre as duas narrativas oriundas do Nordeste brasileiro uma adquire aspectos que reverenciam a verdade social vivenciada pela população local, a outra assume um caráter utópico, de contraste completo entre o escrito no cordel e o vivido nas cidades.

São Saruê emerge como o lugar de oposição às calamidades vividas pelos sertanejos da década de 1950, lá a vida era fácil, a comida farta, o descanso era certo e a felicidade plena. Esse país constituinte do imaginário nordestino configura o lugar a ser alcançado, o lar almejado por todos, a garantia de salvação dos que peregrinam e vagueiam em busca de pouso. *São Saruê* revela a possibilidade de realização do que seria impossível, destacando outras realidades, criando um “não-lugar” composto por abundância, suavidade e felicidade. (NÓBREGA, 2011, p. 26). O poeta descrevia o país narrando suas belezas, encantando os que idealizavam esse lugar. “Surgiu o dia risonho/ na primavera imponente/ as horas passavam lentas/ o espaço incandescente/ transformava a brisa mansa/ em um mormaço dolente”. (SANTOS, 1956).

O tempo e o espaço composto pela narrativa desse lugar utópico opõem-se consubstancialmente à narrativa árida de *Morte e vida Severina*, as imagens poéticas de *São Saruê* modelam o imaginário acerca das benesses da vida, fomenta a esperança no futuro, concretiza um porvir sonhado. “A ficção, reconfigurando o mundo real, combina o imaginário com o poético que altera, modifica, reorganiza, sob nova perspectiva, as representações da realidade.” (NÓBREGA, 2011, p. 27).

A utopia que torna esse país um sonho a ser realizado coloca-se como fuga imagética da realidade econômico-social da região referida, lugar onde as frustrações ficariam no

passado, o presente seria vivido intensamente e o futuro seria aguardado sem maiores preocupações, pois as teias que sustentam as relações entre o tempo e o espaço se configuram ajustadas numa ordem equilibrada entre a memória e a história desse lugar.

Ao contrário das “vidas severinas” de Melo Neto, a vida em *São Saruê* é mais fácil, mais prazerosa, cheio de saúde e de alegria. Os pecados tornados evidentes pelo capitalismo como a preguiça, ou o ócio, é considerado normal, afinal os alimentos já ficam disponíveis para serem comidos a qualquer hora do dia, as águas do rio são de leite e as montanhas de rapadura. (NÓBREGA, 2011, p. 145).

Diferentemente da necessidade enfrentada por Severino de *Morte e vida Severina*, os habitantes de *São Saruê* não precisam migrar de suas terras para lugares outros em busca de comida, humilhados pelos olhares discriminadores daqueles que enxergavam o migrante nordestino como escória. As privações passadas por Severino estavam longe de serem passadas pelos moradores da cidade utópica, *São Saruê* agrega a soma de diversos estereótipos capazes de atinar o imaginário popular, de fazer esse lugar tomar proporções de “verdade”, possibilitando comparações entre o “real” e o “irreal”, o que era possível de acontecer ou o que ficaria apenas no âmbito do imaginado. (NÓBREGA, 2011, p. 151).

O poeta Manoel Camilo vê em *São Saruê* uma cidade descomunal, “Avistei uma cidade/ como nunca vi igual/ toda coberta de ouro/ e forrada de cristal/ ali não existe pobre/ é tudo rico em geral”. Detalha com minúcia as características do lugar, destacando-se os benefícios que ajudavam a configurar esse lugar numa morada dos sonhos. “As pedras em São Saruê/ são de queijo e rapadura/ as cacimbas são café/ já coado e com quentura/ de tudo assim per diante/ existe grande fartura.” (SANTOS, 1956).

Ainda com relação a abundância e fartura de comida, ele diz: “Feijão já nasce no mato/ maduro e já cozinhado/ o arroz nasce nas várzeas/ já prontinho e despulpado/ peru nasce de escova/ sem comer vive cevado.” Enfatizando ainda mais as benesses do lugar, o poeta continua a descrever *São Saruê*: “Tudo lá é bom e fácil/ não precisa se comprar/ não há fome nem doença/ o povo vive a gozar/ tem tudo e não falta nada/ sem precisar trabalhar.”(SANTOS, 1956).

Assim como no clássico *A utopia*¹⁴ do inglês Thomas More, e *Cocanha: a história de um país imaginário* escrito por Hilário Franco Júnior, são obras que reclamam para si um caráter de alerta para os fatos sociais, através de suas narrativas esses autores proclamam as aflições e as buscas de determinada sociedade em prol do melhor convívio e bem estar. Nas

¹⁴ Clássico do século XVI, discorre através das temáticas políticas e sociais na corte inglesa do rei Henrique VIII.

linhas do clássico inglês produzida no século XVI, More detalha uma ilha composta por fatores sociais que estavam em falta na corte do monarca Henrique VIII, desse modo, aspectos como justiça e igualdade eram evidenciados como prioridade do Estado inglês, numa forma de compensar a ineficiência do governo naquele momento da história inglesa. (MORE, 2013, p. 57,58).

*Cocanha*¹⁵, descrita por Franco Júnior (1998) é um lugar utópico surgido no período medieval, cujo autor não se tem conhecimento, deixando à tradição oral a função de propagadora dos encantos desse lugar. Assim como em *São Saruê*, na utopia do século XIII as aspirações constituem-se como fuga da realidade vivida, as características imagéticas desses lugares trazem denúncias aos modelos sociais postos como doutrinação dos indivíduos, é uma negação às práticas disciplinares da Igreja, do Estado. Enfim, essas utopias denunciam os modelos de sociedade vigentes, ao passo que assumem um caráter de tentativa de inserção nessa lógica, mesmo que dentro do campo imagético.

A eterna juventude, a ociosidade, a abundância e a liberdade são as características principais de *Cocanha*, concomitantemente encontramos no período de propagação dessa utopia ações que contrapunham esses benefícios, seja pela ação do Estado ou pela intervenção doutrinária da Igreja. *São Saruê* também é concebida num cenário de dificuldades sociais, a década de 1950 é marcada pelas secas constates, pelas marcas da fome e da migração. O poeta João Cabral descrevera as imagens da morte e da angústia, Camilo dos Santos pintou as imagens do impossível, imaginou o não imaginável, quis o que não estava ao alcance da realidade, e compôs o cenário da imaginação.

“Lá existe tudo quanto é beleza/ tudo quanto é bom, belo, bonito/ parece um lugar santo e bendito/ ou um jardim da divina natureza.” (SANTOS, 1956). A alegria e a felicidade constantes de São Saruê desvirtuam dos traços áridos e cabisbaixos dos vários “Severinos” da saga cabralina. “Tudo lá é festa e harmonia/ amor, paz, benquerer, felicidade/ descanso, sossego e amizade/ prazer, tranqüilidade e alegria...” (SANTOS, 1956). Sobre esses lugares utópicos em detrimento com o mundo real, Hilário Franco Júnior (1998) diz:

Entre uma sociedade concreta e uma sociedade imaginária não existem portanto fronteiras, e sim uma larga faixa de domínio comum, que deve representar para o historiador o ponto de observação tanto de uma quanto de outra. (FRANCO JÚNIOR, 1998, 15).

¹⁵ País imaginário oriundo de uma utopia medieval do século XIII, propagada através da tradição oral, cujo autor é desconhecido, *O país da Cocanha* demarcou o imaginário social da sociedade europeia ocidental.

As correlações entre o mundo real e imaginário compõem a função de tornar sensível as ambições e as aspirações de uma sociedade, as marcas deixadas pela cultura popular – notadamente a literatura – expõem as feridas de um povo ao passo que vislumbramos suas inquietações e perspectivas quanto ao presente e ao futuro. Dessa forma *Morte e vida Severina* fala-nos tanto quanto *Viagem a São Saruê* a respeito do Nordeste da década de 1950, distanciando-se ou aproximando-se somente através das narrativas literárias.

4.3- Projeto de país e migração

A idéia de nação desenvolvida, voltada para a industrialização e para a inserção dos trabalhadores nas fábricas, além da emergência de teorias que moviam as ideologias daqueles que planejavam o futuro do país foi bastante efervescente na década de 50, inclusive movimentou intelectuais que dentro da academia ou não pretendiam contribuir nas discussões políticas que fomentavam idéias acerca do crescimento e do futuro nacional.

Essa incessante busca pelo aprimoramento político-ideológico foi marcante na política nacional brasileira de meados do século XX, haja vista que ainda era recente a passagem da Revolução de 1930 e do período ditatorial de Getúlio Vargas. Nesse sentido, idéias que envolviam teorias marxistas, além do surgimento da nomenclatura “populismo” para se referir ao modelo político que predominou naqueles anos até a década de 60. (FERREIRA, 2013, p, 113).

Nesse fervilhar de idéias e projetos de nação desenvolvida o futuro social da nação passou a ser evidenciado, tanto pelos idealizadores quanto pelos próprios cidadãos comuns, numa aparente aposta com relação a um país já castigado politicamente desde os tempos coloniais. O século XX e os acontecimentos políticos vinculados a essa temporalidade desencadeou a oportunidade de emergir ideais esperançosos quanto ao que viria no futuro¹⁶.

A história brasileira a partir dos anos 40 e, mais especificamente, dos anos 50 tem, dentre outras, uma marca muito especial, a da crença na transformação do presente com o objetivo de construção de um futuro alternativo ao próprio presente. Nesse sentido, as ações humanas projetavam-se, deliberadamente, para a construção do amanhã. Havia um forte sentido de esperança, caracterizado por uma marcante consciência da capacidade de intervenção humana sobre a dinâmica da História, buscando-se implementar um projeto de nação comprometido principalmente com o desenvolvimento social. (DELGADO, 2013, p. 171).

¹⁶ Lucília Delgado aborda essa temática acerca da política nacional dos anos 1940 e 1950, localizando as ideologias políticas e o papel do Estado nas ações de industrialização e desenvolvimento, além de discutir os conceitos de trabalhismo e nacionalismo.

De Norte a Sul a busca pelo desenvolvimento foi sentida diretamente pelas classes trabalhadoras do país, a crítica social soava mais forte com os possíveis avanços da nação em prol daqueles que mais precisavam. Ideais de sociedade baseada na melhor distribuição de renda, de diminuição das distâncias sociais, melhores perspectivas quanto ao futuro, assim almejavam o Brasil os que naquele momento viveram as aspirações de transformações sócio-políticas, ainda mais motivados pelos alicerces da democratização que rondou as plataformas políticas do Brasil após os anos de ditadura varguista.

A despeito desse momento singular da política nacional, a historiadora Ângela de Castro Gomes, na sua obra *A invenção do trabalhismo* (1994) discute as noções de populismo e de trabalhismo dentro do período compreendido entre 1930 e 1964, analisando as culturas políticas que fomentaram as práticas elaboradas pela classe política e pela classe trabalhadora, que em grande parcela era formada por migrantes rurais. (GOMES, 2013, p. 47).

Mais uma vez a literatura participou de forma significativa nas discussões basilares que estavam na ordem do dia pós 1945 e evidenciada a partir da década de 1950, intelectuais de esquerda, literatos engajados com os assuntos sociais voltaram-se as suas atenções para as eminentes possibilidades de desenvolvimento nacional, de crescimento ordenado da nação, alijado da desigualdade e do privilégio de poucos. Sobre esse período, Pesavento (2000), diz:

Nos anos 50, a vigência dos regimes democráticos do pós-guerra, associada a projetos de desenvolvimento industrial autônomo, acentuaram o viés da singularidade brasileira, mas com um aprofundamento do sentido social. O populismo colocava na ordem do dia a emergência das massas, mas a coligação das esquerdas com a burguesia nacional punha limites à dimensão explicativa do fenômeno. No entrecruzamento da literatura com a história, Jorge Amado e Nelson Werneck Sodré mostram o Brasil das contradições sob o prisma da inspiração marxista. A matriz inspiradora da interpretação nacional é estrangeira enquanto concepção, mas a análise é voltada para as contradições da sociedade brasileira. Do urbano ao rural, da burguesia ao proletariado, do coronel aos jagunços, as diferenças sociais estão postas, e a recuperação da identidade se dá pela reinterpretação do passado e a compreensão do presente que dá a rota para o futuro desejado: a redenção nacional viria pela distante revolução, só advinda depois da maturação burguesa. (PESAVENTO, 2000, p. 23).

A migração apontava como grande válvula de escape para os que não encontravam meios de sobrevivência no interior do Nordeste, com a industrialização e a consequente instalação de grandes fábricas no país, a precisão de mão-de-obra barata necessária nas indústrias era garantida por esses indivíduos que se ariscavam em busca de conseguir a sobrevivência de suas famílias. Os governos dos presidentes do período democrático foram exponenciais para a onda migratória da década de 50, a valorização do espaço urbano e as transformações de ordem econômica deram força ao projeto de modernização através da

industrialização do país. A respeito de um dos governos populistas e democráticos da década de 1950, Silva (2008) comenta:

O plano de metas tornou mais agudas as desigualdades regionais. A situação de miséria no campo, a concentração fundiária, o avanço do latifúndio sobre as terras dos pequenos proprietários, assim como o alto índice de crescimento demográfico dos Estados nordestinos e as periódicas secas desencadearam outros feitos não pretendidos pelas políticas: sérios conflitos sociais no campo. Segundo as elites governantes, eles inoculavam um perigoso caráter pré-revolucionário, além de aumentarem sobremaneira o número de imigrantes advindos do meio rural, criando um descompasso entre a demanda nos mercados de trabalho metropolitanos. (SILVA, 2008, p. 28)

Esses migrantes que saíam de todos os mais longínquos lugares do país, notadamente grande parcela oriunda da região Nordeste, passam a integrar um grupo de destaque nos estudos históricos, antropológicos e sociológicos em relação ao operariado constituído por essas pessoas. A expansão urbana composta por migrantes de todo país assume um caráter representativo acerca do Nordeste, os migrantes de outras regiões do país compunham uma conotação simplista, porém o nordestino seria: "... a representação do migrante como "ignorante", "flagelado", "desorganizado", etc.; recaía, principalmente, sobre aqueles trabalhadores nascidos no Nordeste do país." (SILVA, 2008, p. 67).

O Nordeste se configurou dentre as regiões do país como a mais carente, a atrasada, a que necessitava de auxílio do "Sul" para abrigar parte de seus filhos que não sobreviveriam nos desérticos sertões da região acompanhados pela fome e pela sede. O intrépido migrante nordestino foi símbolo de transcendência do estigma de flagelado, mas paralelamente configurou-se como estética de dependente e vulnerável.

5- CONCLUSÃO

O Nordeste é cenário de repetidas imagens que congelaram a região com símbolos que representam o arcaico, o passado quase sem modificações, um espaço pautado pela memória, a região presa aos costumes tradicionais, onde as transformações sociais dão lugar ao inerte e a continuidade dos eventos que construíram imageticamente a região. Essa parcela do país foi tecida ao modo de fazer-se reproduzir os estigmas negativos da seca e da fome, das imagens em forma de retrato preto e branco.

Nesse trabalho vimos a reprodução de discursos literários que visava a “realidade” social como objeto de denúncia, configurando os problemas da região como algo passivo de ser visto, de ser sentido, acompanhado, numa forma de fazer-se explícita a situação do homem sertanejo, do retirante nordestino. Severino foi protagonista dentro de um enredo composto por vários “severinos”, seus caminhos foram o de muitos, suas tristezas a de milhares e suas dores a de todos. *Morte e vida Severina* dimensionou o recorte da fala dos ditos regionalistas, seu enfoque voltado para a morte dos retirantes revelam a sempiterna penúria com que falava-se destes, ao mesmo passo que a vida também tornava-se destaque, notadamente pela a incessante busca por ela.

A literatura abarcou as bases da escrita desses capítulos, através dela pudemos analisar uma época histórica, uma região, um cenário, ou vários, que delinearam as características imagéticas referentes a um povo, a um indivíduo. Pela literatura fomos agraciados com a capacidade de criação de imagens, muitas, cada uma abarcando um discurso, uma olhava as realidades postas, a outra encantava-se com o avesso da mesma. A história em parceria com a literatura capturou as representações culturais de uma região através de discursos proferidos, de características fomentadas.

Pretendeu-se agrupar a discussão em torno do olhar regionalista à literatura de *Morte e vida Severina* ao aparecimento paralelamente de um cordel embasado em pensamentos utópicos, numa alusão a um lugar imaginado, perfeito, inverso ao mundo “real” dos regionalistas. Em meio às duas obras literárias oriundas de poetas da região Nordeste buscou-se comparar as diferenças de discursos entre elas, mas principalmente sensibilizar-se com as aspirações de ambas, as denúncias feitas, as intencionalidades almejadas.

Delimitada temporariamente nos anos 1950, a análise corroborou a ligação entre a emergência das literaturas realista e utópica nesse momento com o ambiente político nacional, tendo em vista os barulhos que agitavam os bastidores ideológicos do Brasil, além de vislumbrar os ideais que motivaram os alicerces da política brasileira pós 1945, com o fim do

Estado Novo, a implementação do denominado “período democrático” e principalmente a década de 50 que trazia entre seus projetos o de desenvolvimento do país pela industrialização e a consequente modernização.

O Brasil de meados do século XX vivia momentos fervilhantes na política, as ações daqueles que governavam o país era refletida na vida dos mais modestos cidadãos, as políticas públicas seriam maneiras de salvaguardar e introduzir direitos ao povo, assim como permear os ideais de nação desenvolvida. A república brasileira via naquele momento a hora oportuna de enquadrar-se entre as nações que carregavam os símbolos de avanço e de modernidade no processo industrial.

O povo – operários, mulheres, imigrantes, migrantes – idealizou com o advento da industrialização a ascensão social. *Cocanha, São Saruê*, representaram as aspirações de um povo e de uma época, refletiram literariamente o desejo de muitos para a mudança, para a transformação. João Cabral de Melo Neto e Manoel Camilo dos Santos representaram suas visões e seus anseios, descreveram o real e o irreal, compartilharam sonhos.

Multifacetada, as abordagens historiográficas condicionam as possibilidades de construção de realidades, de inserção diminuta em espaços contínuos e em tempos outros. Alimentadas por fontes que falam de uma época e que dá-nos a chance de mergulharmos em suas particularidades, anseios, medos, sonhos, a história brinda-nos com o espetáculo da vida e a possibilidade de a reconhecemos, revê-la, recontá-la.

6- REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes** / prefácio de Margareth Rago. - 5. ed. – São Paulo : Cortez, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **A expansão da História** / José D'Assunção Barros. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

_____. **Revista de Artes e Humanidades**, n.6, MAI-OUT 2010.

_____. **História Comparada**/ José D'Assunção Barros.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

BARBOSA, Arthur Manoel Andrade Barbosa. **A interdisciplinaridade entre História e Literatura como processo pedagógico nas relações de ensino-aprendizagem**. 2015.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador** / Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTRO, Lara de. **Migrantes, retirantes, trabalhadores: Memória, História e as representações em torno dos cassacos**. In: I Encontro Estadual da ANPUH-AP- I Jornada Internacional de Estudos de História da Amazônia: “Diásporas, migrações e territorialidades na Pan-Amazônia”, 1., 2011, Macapá., p.1- 12.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** (vol.I e II). 1902. Ed. Três, São Paulo.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O populismo e sua história: debate e crítica**. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FERREIRA, Jorge. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O populismo e sua história: debate e crítica**. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948 – **Cocanha: a história de um país imaginário** - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O populismo e sua história:**

debate e crítica. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. – **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORE, Thomas, Sir, Santo, 1478-1535. **A utopia** / Thomas More; [tradução Alda Porto].- 1. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor; 40).

NAVARRETE, E. **Roger Chartier e a Literatura**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem , v. 2, p. 23-56, 2011.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica**: ensaios sobre o imaginário cultural e literário. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, **Literatura, história e identidade nacional**. Revista Eletrônica Vidya. v.2, n.33, p. 9-27, 2000.

PERES NUNES, Geice. **A poética de Manoel Camilo dos Santos**: um diálogo entre a poesia popular do Nordeste e a literatura culta / Geice Perez Nunes, - 2014.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** (Três Romances). Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

RAMOS, Graciliano, 1892-1953. **Vidas Secas**; posfácio de Álvaro Lins, Ilustrações de Aldemir Martins. 63ª ed. Rio, São Paulo, Record, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tempos sociais e criação cultural na primeira república – São Paulo : Brasiliense, 1999.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo1. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo2. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo3. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

SILVA, Uvandererson Vitor da. **Velhos caminhos, novos destinos: Migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. São Paulo, 2008.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel**: um fazer popular a caminho da sala de aula. / Josivaldo Custódio da Silva. – João Pessoa: 2007, 132 p.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino**: Existência e Consciência da Desigualdade Regional (Fac-Similar). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. (Primeira edição de 1973: *Metahistory: the historical imagination in nineteenthcentury Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.)

7- FONTES

MELO NETO, João Cabral de, 1920 - **Morte e vida Severina e outros poemas para vozes** / – 34. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SANTOS, Manuel Camilo dos. **Viagem a “São Saruê”**. Campina Grande, 1956. In: *Literatura Popular em Verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964.